

Klabin pede nova política externa após as eleições

O mundo vive uma guerra financeira e comercial talvez bem mais séria do que a Segunda Guerra Mundial, com os Estados Unidos tentando de todas as formas retomar a hegemonia no mundo ocidental.

Esta é a opinião do presidente do Banco do Estado do Rio de Janeiro (Banerj).

Israel Klabin, para quem o Brasil, que até agora vem praticando uma política econômica correta, mas uma diplomacia pouco definida, caracterizada pela "modéstia de um pragmatismo oportunista", terá que se posicionar dentro deste novo quadro, principalmente após as eleições de novembro.

O presidente do Banerj, que participa de vários fóruns internacionais de debates sobre a evolução das relações mundiais, afirma que, após ter aceito por algum tempo o policentrismo no mundo capitalista ocidental, dividindo o poder econômico com os países europeus e com o Japão, os Estados Unidos estão lutando hoje, friamente, pela retomada da hegemonia, sobretudo dentro do sistema financeiro internacional.

— Ou os Estados Unidos controlam o surto inflacionário na economia americana e no mundo ocidental, que vem questionando a capacidade de recuperação do capitalismo, ou o próprio sistema americano de vida ficará seriamente ameaçado, observou Klabin.

E acrescentou:

— Por isso, o Governo americano abandonou a política liberal adotada por Carter e vem tentando reordenar o mercado financeiro internacional, através da valorização do dólar. Não está interessado se no meio da batalha haverá alguns mortos.

TRÊS FRENTE

DE BATALHA

Para o presidente do Banerj, são três as principais frentes de batalhas dos Estados Unidos, na seguinte ordem de prioridades:

1) o Mercado Comum Europeu; 2) o Japão; e 3) o bloco socialista.

Com a adoção de uma política externa liberal, policêntrica, os Estados Unidos, na opinião de Klabin, teriam permitido a expansão do mercado de eurodólares. Os banqueiros europeus, ao administrarem o superávit dos países exportadores de petróleo, ao lado dos banqueiros americanos, passaram a dominar também a liquidez internacional.

Agora, a política do presidente Reagan é fazer com que os Estados Unidos e os bancos americanos controlem hegemonicamente todos os excessos



Israel Klabin

de recursos em circulação no mercado financeiro internacional. E impedir, desta forma, que as moedas europeias, como o marco alemão e o franco, se tornem mais fortes ou tão fortes quanto o dólar.

Klabin não acredita em uma reorganização no sistema monetário internacional em novos moldes, ou seja, que não esteja mais sedimentada na moeda americana.

Com relação ao Japão, a segunda frente de batalha dos Estados Unidos, as causas do conflito, segundo o presidente do Banerj, partem do avanço tecnológico da economia japonesa que, por meio de exportações, vem colocando em perigo a indústria americana. Este ponto, para Klabin, será de difícil solução, porque questionar o desenvolvimento do Japão, é questionar o capitalismo.

O bloco socialista "é a preocupação menor, já que os países socialistas se enfraqueceram com a crise econômica mundial, não sendo uma opção viável para o capitalismo". Nesta frente, Klabin acha que a estratégia americana será a de se aliar à China.

O BRASIL:

VOCAÇÃO PARA PONTE

A política internacional que vem sendo praticada pelo Itamaraty, segundo Klabin, terá que sofrer transformações. O marco para uma definição, a seu ver, será imediatamente após as eleições, porque a oposição no País, fortalecida, exigirá do Governo uma política externa mais claramente definida.

O País, na opinião do presidente do Banerj, não poderá mais ficar "nem contra nem a favor dos Estados Unidos". A melhor estratégia "será a de se tornar uma potência intermediária, ou seja, adotar uma posição de ponte para facilitar o diálogo entre os americanos e o mundo".

O Brasil é um país naturalmente associado aos Estados Unidos. Estamos no mundo ocidental e não no oriental — afirmou.

Isto não quer dizer que o Governo brasileiro tenha que adotar uma atitude de subserviente com relação aos dirigentes americanos, explicou Klabin. Pelo contrário, frisou, o Brasil deve deixar de lado a modéstia, na política externa, não ceder a quaisquer pressões que coloquem em risco seu crescimento, mas também não adotar uma posição de antagonista com relação ao maior cliente nas exportações e maior fornecedor de recursos.

Não há motivos para subserviência, mesmo atuando como potência intermediária, de acordo com Klabin, porque o Brasil desdúvida alguma tem todas as condições para se tornar a quinta potência econômica mundial.

— É uma previsão do próprio Fundo Monetário Internacional — acentuou.

"NÃO TENHO MEDO DA DÍVIDA"

O volume da dívida externa brasileira — US\$ 65 bilhões ou US\$ 80 bilhões, se incluir os compromissos de curto prazo — para Klabin, não é razão para que o País deixe de adotar uma política externa independente frente aos Estados Unidos.

O Brasil, ao contrário do México e da Argentina, tem grandes aliados nos próprios banqueiros americanos. Não creio que recorra ao Fundo Monetário Internacional.

Os governantes brasileiros, ao negociarem os recursos necessários ao pagamento da dívida externa, em sua opinião, não devem apresentar nem um "orgulho ofendido nem uma postura de devedor relapso".

— Nossa dívida externa até nos honra, porque foi tão bem administrada que transformou o País em um sócio viável para os EUA. Além disso, os banqueiros estrangeiros sabem que somos uma boa aplicação. O dinheiro que vem para cá é remunerado.

Quanto às últimas medidas adotadas pelo Governo brasileiro, como a elevação do depósito compulsório dos bancos junto ao Banco Central, Klabin não acredita que tenham sido uma recomendação direta dos banqueiros estrangeiros, durante a reunião no Fundo Monetário Internacional.

— As medidas foram tomadas para controlar a expansão da moeda nos últimos meses do ano, voluntariamente. O Governo brasileiro sabe que não encontrará auxílio no exterior para os problemas de financiamento no balanço de pagamentos e que teria que ajustar a economia caso quisesse continuar com crédito — explicou.

O Fundo Monetário Internacional não é uma opção para o País:

— Nunca fomos alinhados com o FMI. Fazemos o contrário do que proíbem os técnicos do Fundo. E o Brasil não recebe um tostão deste organismo internacional, pelo contrário, é credor — acentuou.